

# Uma simples flor

Aquele açafirão trouxe-me toda a convicção de que eu precisava *Por* JOAN ANDERSON

**E**RA UMA LINDA manhã de outono, pouco depois de meu marido e eu nos mudarmos para nossa primeira casa. Meus pais moravam ali perto. As crianças estavam no andar de cima, desfazendo as malas e, pela janela, eu observava meu pai, que se movia misteriosamente no gramado em frente à casa.

– O que está fazendo aí? – gritei.

Ele me olhou, sorrindo.

– Estou preparando uma surpresa.

Conhecendo meu pai, pensei que não havia como adivinhar. Ele estava sempre inventando brincadeiras. Naquele dia, porém, papai não disse mais nada e, envolvida pela agitação de nossa nova vida, terminei esquecendo a surpresa.

Até um dia frio de março, quando olhei pela janela. Melancólico. Nublado. Pequenas pilhas de neve suja ainda teimavam em enfeitar o jardim. Será que o inverno nunca terminaria?

E entretanto... seria miragem?

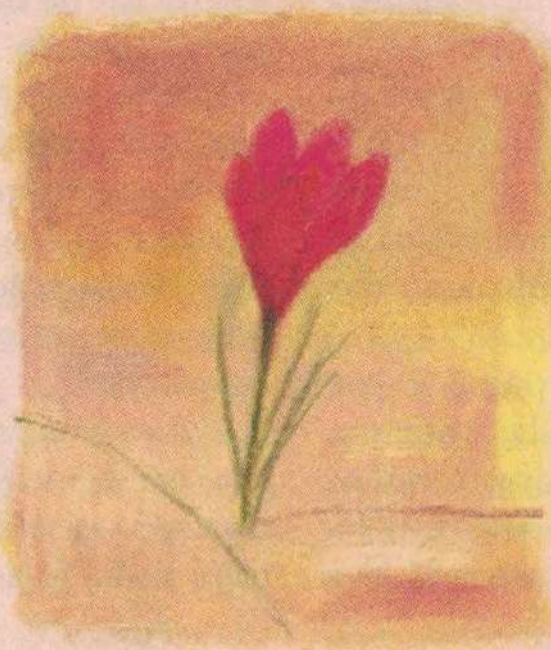
Estreitei os olhos para ver algo cor-de-rosa milagrosamente se destacando em uma das pilhas de neve. E o que seria aquela mancha azul do outro lado do jardim? Uma pequena nota de otimismo nessa vastidão sombria? Apanhei o casaco e saí para olhar de perto.

Eram açafrões, espalhados caprichosamente por todo o jardim. Lilás, azul, amarelo e o meu favorito, cor-de-rosa – pequenas faces balançando-se ao vento cortante.

Papai. Eu sorri, lembrando-me dos bulbos que ele plantara secretamente no outono anterior. Ele sabia o quanto a escuridão e a melancolia do inverno

me deprimiam. O que poderia estar mais adequado e em sintonia com minhas necessidades? Como eu era abençoada, não apenas pelas flores, mas também por ele!

Os açafrões de meu pai floresceram na primavera dos quatro ou cinco anos seguintes, trazendo aquela mesma convicção toda vez que apareciam. *Os tempos difíceis estão*



*quase terminando. Fique firme, vá em frente, a luz chegará em breve.*

Veio, então, uma primavera com apenas metade das flores. Na seguinte não havia mais nenhuma. Senti falta dos açafrões, mas eu andava extremamente atarefada e nunca fui boa jardineira. Pensei em pedir a papai que viesse plantar novas mudas, mas nunca o fiz.

Ele morreu de repente em um dia de outubro. Minha família chorou muito, buscamos apoio em nossa fé. Senti uma falta terrível dele, embora soubesse que sempre seria parte de nós.

Passaram-se quatro anos e, numa triste tarde de primavera em que eu estava na rua cuidando de algumas tarefas, senti-me deprimida. Disse a mim mesma: é a tristeza do inverno outra vez. Você fica assim todos os anos, é um problema químico. Mas havia algo mais.

Era aniversário de papai e me apanhei pensando nele. Isso não era raro – falávamos nele com frequência, lembrando de como vivia sua fé. Uma vez o vi tirar o casaco e dá-lo a

um mendigo. Com frequência conversava com estranhos que passavam à porta de sua loja e, se soubesse que eram pobres e estavam com fome, convidava-os para uma refeição em casa. Mas agora, no carro, eu não conseguia parar de pensar: *Como está agora? Onde está? Existe mesmo um paraíso?*

Senti-me culpada por ter dúvidas. *Mas às vezes, pensei ao entrar na garagem, ter fé é tão difícil...*

De repente, diminuí a velocidade, parei e olhei o jardim. Havia grama enlameada e pequenas pilhas cinzentas de neve derretida. E lá, corajosamente se agitando ao vento, um açafrão cor-de-rosa.

Como poderia uma flor nascer de um bulbo com mais de 18 anos de idade, que não florescia havia mais de uma década? Mas lá estava o açafrão. Meus olhos encheram-se de lágrimas quando percebi o que aquilo significava.

*Fique firme, vá em frente, a luz chegará em breve.* O açafrão cor-de-rosa durou somente um dia. Mas sustentou minha fé por toda a vida.

"POR QUE MILAGRES ACONTECEM" © JOAN WESTER ANDERSON, A SER PUBLICADO EM MAIO DE 1999 POR EDITORA NOVA ERA/RECORD

## ERA DA INFORMAÇÃO



Minha filha de 11 anos deparou com uma palavra desconhecida no livro de biologia: "unicelular". Naturalmente, eu a estimulei a decifrá-la.

– Você sabe que "uni-" quer dizer um – eu induzi. – Então, o que significa a palavra inteira?

Depois de pensar no assunto, tentou adivinhar:

– Um telefone?

– JANICE HAWKINS, *EUA*